

O Propósito do Seminário

Benjamin Breckinridge Warfield

O ensaio que se segue consta da “Coleção de Escritos Breves de B. B. Warfield — Vol. Um” publicada por *Presbyterian and Reformed* (Phillipsburg, NJ). O artigo apareceu pela primeira vez em *The Presbyterian*, 22 de nov. de 1917, pp. 8,9. Sua edição eletrônica foi produzida por Shane Rosenthal, e posta em domínio público, podendo ser livremente copiada e distribuída.

É comum ouvirmos dizer que os seminários teológicos são escolas de treinamento para o ministério. Desde que bem entendida, essa afirmação é correta. Entretanto, sob esse prisma, não raro percebemos certa dose de exagero quanto ao que é esperado da função do seminário. Suprir o completo treinamento a um jovem aspirante ao ministério não é função do seminário, mas sim do presbitério, e não há outra organização que possa cumprir tal função. O seminário é apenas um instrumento à disposição do presbitério, como auxílio no treinamento dos jovens aspirantes ao ministério. Um instrumento, bem entendido, mas não o instrumento, uma vez que o presbitério dispõe de outros instrumentos para a realização desse trabalho.

Há a academia, por exemplo; e a universidade. Uma vez entendido que o ministro deve receber uma boa educação, a academia e a universidade tornam-se instrumentos que a igreja utiliza no treinamento de jovens para seus ministérios. Há também a igreja local. É à igreja local que o presbitério confia seus candidatos ao ministério, quanto à supervisão e treinamento moral e espiritual. Ao seminário é impossível assumir com propriedade o trabalho dessas outras instrumentalidades. Reconhecendo que o ministério deve ser um corpo bem educado, então é imperativo que o ministro conheça seu A B C. É absolutamente necessário, se o ministério tem que ser um corpo religioso, que cada futuro ministro seja um homem convertido. Não é função dos seminários converter seus estudantes.

Que não me interpretem como estando a sugerir que o seminário não necessita ser “um lugar de cultivo da piedade” mais do que necessita ser “um lugar de cultivo do conhecimento”. Mas ninguém deveria contender em defesa da idéia de que, do seminário, espera-se que seja o começo para a piedade ou para o conhecimento em seus rudimentos, O iletrado ou o ímpio simplesmente não deveriam ter lugar no seminário. E, se os tais forem encontrados lá, o remédio para tal situação não será expandir os limites da função do seminário para que supra deficiências de conhecimento básico ou da classe de confirmação. O seminário tem sua função específica a cumprir, mas para isso há pré-requisitos quanto à literatura e vida de piedade por parte dos alunos. Jovens destinados ao seminário devem ir para lá somente após terem adquirido a educação comum a todos os homens educados, e que tenham progredido em piedade ao ponto de serem considerados homens especialmente piedosos na comunidade. A partir de tais fundamentos, o seminário encarrega-se de suprir aos candidatos ao

ministério o treinamento específico, peculiar aos ministros; fazendo-os aptos, numa palavra, para a respeitável prossecução do trabalho especial do ministério. Nesse sentido, o seminário é uma escola-acabamento, que dá o polimento, a consumação, o remate necessário ao ministério; o seminário deve dedicar-se exclusivamente àquelas coisas de que ainda carece o homem profundamente piedoso e de cultura ampla, possibilitando-lhe exercer com sucesso seu ofício de ministro, para crédito próprio e vantagem da Igreja.

Mas, o que, exatamente, deverá ser ensinado em um seminário teológico? Isso dependerá de nossa concepção do ministério para o exercício das funções para as quais o seminário oferecerá preparo. E isso, em última análise, será determinado pela nossa concepção de Igreja. Na concepção sacerdotal de Igreja, a função do ministro é realizar certos ritos, pelo correto desempenho dos quais, o efeito buscado é obtido. O seminário, nesse aspecto, torna-se uma escola de treinamento, no exato sentido do termo. É o lugar onde o futuro ministro é treinado para desempenhar apropriadamente tais ritos. Por outro lado, na concepção racionalista de Igreja, este é simplesmente um tipo de clube para entretenimento intelectual, ou, no melhor dos casos, uma sociedade para cultura da ética, ou uma organização benevolente. A função do pregador é ser o líder do grupo a que serve em tais atividades; semelhantemente, nesse caso, o treinamento do futuro ministro consistirá em prepará-lo para sua função, sendo natural que seu currículo teológico dê muita ênfase à cultura literária e aos mestres do pensamento. Ou, talvez, os cursos de maior ênfase sejam aqueles da área sociológica, possivelmente incluindo pesquisas sobre problemas habitacionais nos centros de concentração fabril, ou estatísticas sobre distribuição de habitantes dentro de um certo raio onde se localiza uma igreja de zona rural.

Nada disso é ruim. Até mesmo ao ministro evangélico fica bem o saber conduzir os serviços de aceitabilidade da igreja. Tampouco lhe será prejudicial a familiaridade com os pensamentos de Platão e Emerson e Galsworthy e H. G. Wells e Marie Corelli. Sem dúvida, ser-lhe-á vantajoso o estar pelo menos informado da inquietude social que ruge ao seu redor, e cômico da tremenda angústia e desgaste que poderá trazer às suas forças o fazer alguma coisa para abrandar tal situação. Mas, nada disso fará dele um bom ministro de Cristo. Não é fato que até mesmo os ímpios fazem tais coisas? Cristo envia seus ministros não para batizar, mas para pregar o Evangelho; não para melhorar a sina dos homens, mas para trazer-lhes a salvação. Na visão evangélica, a igreja é a comunhão dos santos, arrebanhados e extraídos de um mundo perdido. E nessa visão evangélica, a função do ministro é aplicar o Evangelho da salvação a homens perdidos, para que possam assim ser salvos da culpa, corrupção e poder do pecado. Claro, simplesmente o Evangelho, é o que é necessário. E, no desempenho de sua função, é necessário que o ministro conheça esse Evangelho, integralmente, em todos os seus detalhes, em todo o seu poder. Torna-se, assim, evidente que a função do seminário é suprir tal conhecimento do Evangelho.

É importante que o ministro seja por nós tido em alta consideração e honra, e que entendamos exatamente a magnitude da tarefa a ele confiada. O ministério não é como um trabalho manual, um tipo de trabalho ou profissão que requer habilidades adquiridas e aperfeiçoadas simplesmente através da prática. O

ministério é uma profissão erudita. Uma dentre três, ou no máximo quatro, profissões eruditas que dividem entre si a habilidade do ser humano em suas múltiplas relações. O ser humano é um composto de alma e espírito, posto em um organismo social, dependente de um ambiente físico. Como tal, necessita da orientação de peritos em cada esfera de sua existência. A ciência intermedeia entre ele e a natureza. O advogado é seu consultor para as relações social, o médico cuida de seu corpo, e o ministro lhe orienta em questões de ordem espiritual.

É possível argumentar que uma pessoa pode viver muito bem sem tais orientações de especialistas, mas, argumentar é mais fácil do que praticar. Não é plano do Senhor que seu povo viva a manquejar ao longo de sua trajetória religiosa. Ele designou ministros em Sua igreja e deu a eles a tarefa de pastorear o rebanho. E nenhum ministro é apto para a posição que ocupa, a menos que receba o preparo necessário para atuar como conselheiro espiritual da comunidade a que serve. Nós podemos afirmar que o Evangelho simplesmente é suficiente, e podemos agradecer a Deus pelo fato de o Evangelho ser simples e suficiente. Mas a aplicação desse Evangelho às relações da vida em toda a sua variedade, não é coisa simples. Leiamos a epístola aos Romanos. Levando em conta as condições presentes na Roma de então, seria a correta exposição do Evangelho, dada nos primeiros onze capítulos, uma questão tão simples que Paulo poderia deixar os romanos entregues a si próprios para resolvê-la? Seria a aplicação desse Evangelho à vida de Roma do primeiro século, dada nos capítulos seguintes, uma questão tão simples que não requereria um Paulo para fazê-la corretamente? Talvez em nenhum outro lugar vejamos um ministro mais integralmente entregue à sua tarefa do que na Primeira Epístola aos Coríntios. Será que as questões que os coríntios propunham a Paulo, as quais ele respondeu com tanto cuidado, não precisavam ser perguntadas pelos crentes e respondidas pelo apóstolo? O ministro em seu devido lugar, como Paulo no seu, é o guia espiritual e conselheiro de que o povo de Deus necessita.

Por isso, afirmamos, o ministro precisa conhecer o Evangelho: conhecê-lo em primeira mão, total e integralmente. Assim, o trabalho do seminário deve ser dirigido para esse fim. Por uma coisa: O Evangelho nos vem codificado, e cabe ao ministro conhecer o código. O ministro precisa estar habilitado para decodificá-lo, e isso por si mesmo. Não confiar a decodificação a outro! O Evangelho trata da mensagem da salvação, e o ministro é o canal por meio do qual a mensagem é transmitida aos homens. Ele não pode tomá-lo de segunda mão. Ele precisa recebê-lo para si e entregá-lo, em primeira mão, àqueles confiados a seu serviço. Em outras palavras, o ministro precisa conhecer a linguagem na qual o Evangelho é escrito; e ser habilitado para extrair dos documentos seu exato significado. E, não somente isso. O ministro precisa conhecer a mensagem assim extraída, em sua totalidade, em todo o seu alcance, em sua correta perspectiva, e em justa proporção. Se assim não o for, ele não poderá usá-la corretamente. É claro que o ministro deve também ser hábil quanto a apresentar a mensagem de forma atraente, aplicando-a com proveito, ponto por ponto, de acordo com as necessidades emergentes. Essas coisas constituem o cerne do ensino do seminário. Mas, há outras coisas que, por serem tão próximas a essas, não podem ser dispensadas, assim como a vinha delicada não pode dispensar a escora que lhe dá suporte. O ministro deve ser habilitado para defender o Evangelho que prega. Deve também saber um pouco

da história que esse Evangelho tem esculpido e ornado para si mesmo ao longo das eras desse mundo. Essas coisas não são essenciais em si mesmas, mas têm valor pelo auxílio que trazem ao ministro, possibilitando-lhe melhor entendimento e discernimento, capacitando-o para mais poderosamente louvar e defender junto aos homens o Evangelho de Cristo.

Sem toda essa equipagem, o ministro evangélico é roubado de sua dignidade e amputado de sua força. Ele não pode ser o guia espiritual de sua comunidade, como o advogado competente é o guia legal e o médico experimentado é o conselheiro em questões de saúde física. Destituído de sua dignidade o ministro mergulha em uma mera atividade rotineira, como um artesão que exerce um negócio ou ofício aprendido por mera repetição, dia a dia; ou como um simples preletor em um clube ou um líder de ativismo benevolente. É claro que a “simples pregação” do “simples Evangelho” não falhará em seus efeitos. O terno balbuciar do nome de Jesus nos lábios de uma criança pode ter grande alcance. Mas não seria esse um motivo razoável para guarnecermos nossos púlpitos com crianças balbuciando o nome de Jesus. A tolice da pregação é uma coisa; pregação tola é coisa bem diferente. Não nos deixemos iludir, em religião, como em tudo o mais, conhecimento é poder. Reconheço que isso é um chavão. Mas, a respeito de chavões, temos de reconhecer que têm algo de verdadeiro. Nada, nem fervor, nem devoção, nem zelo, podem afastar a necessidade de conhecimento. Se conhecimento sem zelo é inútil, zelo sem conhecimento é ainda pior, é positivamente destrutivo. Estamos no tempo da Reforma: perguntemos-nos a nós mesmos porque Guilherme Farel, consumido de zelo, inflamado em fervor evangélico, proclamando o puro Evangelho, desamparado e impotente em Genebra, com terríveis imprecações, trouxe João Calvino para seu auxílio? João Calvino: um letrado tornado santo, um letrado-santo tornado pregador da graça de Deus. É disso que precisamos em nossos púlpitos: letrados-santos tornados pregadores da graça de Deus

Eis aí, em foco, a função do seminário teológico: transformar letrados-santos em pregadores do Evangelho.

Sobre o autor: Benjamin Breckinridge Warfield (1851-1921) nasceu no estado de Kentucky, (USA). Foi um dos maiores teólogos reformados defensor da ortodoxia calvinista. Estudou na Universidade de Princeton. Em 1886 foi chamado ao próprio Seminário Teológico de Princeton como professor de Teologia Sistemática. Foi sucessor de Archibald Alexander Hodge.

Fonte: Revista *Os Puritanos*.